

Revista  
Latino-americana de

**Geografia e  
Gênero**

Volume 8, número 2 (2017)  
ISSN: 2177-2886

**Diálogo  
Movimentos  
Sociais**

## **O Movimento Feminista e a Luta Contra a Violência Sexual: Quando a Militância e Produção Científica se Encontram**

*El Movimiento Feminista y la Lucha Contra la  
Violencia Sexual: Cuando la Militancia y  
Producción Científica se Encuentran*

*The Feminist Movement and the Fight Against  
Sexual Violence: A Encounter Between Militancy  
and Scientific Production*

**Mayã Polo de Campos**

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil  
mayapcampos@gmail.com

Como citar este artigo:

CAMPOS, Mayã Polo de. O Movimento Feminista e a Luta Contra a Violência Sexual: Quando a Militância e Produção Científica se Encontram. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 8, n. 2, p. 379-400, 2017. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

## Introdução

Escrever sobre feminismo é sempre uma responsabilidade. Não pretendo realizar um papel de representante uma vez que compreendo o feminismo enquanto um movimento não apenas político, mas dinâmico, que se constrói e se reconstrói de tempo em tempo, tanto no movimento quanto de quem se declara enquanto feminista, sendo essas duas extremamente relacionadas. O que eu apresento nesse texto é uma pauta consensual do movimento que é a luta contra a violência sexual. Essa pauta vem sendo debatida e defendida mais intensamente entre as mulheres, sobre tudo na cidade de Ponta Grossa – PR desde a primeira Marcha das Vadias que tinha como sua máxima: Meu corpo, minhas regras.

A partir desse momento, ocorreu um empoderamento feminino em espaços políticos. Posso afirmar esse fato a partir da minha participação política na cidade de Ponta Grossa – Paraná. Antes da Marcha das Vadias era muito comum, mesmo em movimentos de esquerda, o silenciamento de mulheres. Não apenas através de um comportamento por parte dos homens de atropelar falas e não legitimar ideias de mulheres, mas principalmente pelo ambiente hostil, de centralidade masculina por onde defendiam que pautas de mulheres eram pautas secundárias e não emergenciais. Muitas mulheres não se sentiam representadas e não se sentiam parte daquela configuração espacial.

Depois da primeira Marcha das Vadias em Ponta Grossa no ano de 2012, as coisas começaram a se configurar de uma maneira um pouco diferente. Logo nas primeiras reuniões nós mulheres começamos a entender que nossa posição era de enfrentamento do machismo que perpassa por todas as instituições sociais mas, principalmente, nós começamos a identificar e perceber que o enfrentamento era também em relação a práticas machistas cotidianas muitas vezes partindo de companheiros de militância. Foi um momento bastante delicado para muitas de nós e também para muitos colegas que em alguns casos, deixaram de ocupar esse local nas nossas vidas. Entendemos na prática o que as feministas negras nos ensinaram: o pessoal é político.

Nesse momento, nós mulheres já estávamos decididas a não ser rivais e dentro disso, desenvolvemos cada vez mais, o que hoje compreendemos por sororidade. Sem empoderamento não existe sororidade e sem sororidade não existe empoderamento. Primeiro porque para que possamos de fato nos empoderar, precisamos que todas as mulheres estejam também empoderadas. O empoderamento não é algo que existe de maneira isolada, mas sim coletivamente. E depois, para que exista esse sentimento de coletividade em relação a todas as mulheres, é preciso romper com muitas práticas e entendimento equivocados que muitas vezes compõem a compreensão sobre amizade entre mulheres.

A minha jornada científica durante o trabalho de conclusão de curso e da dissertação foi de muito aprendizado e aprofundamento em uma temática tão séria e dolorosa. A partir de 2011, que foi a primeira Marcha das Vadias, que ocorreu em Toronto no Canadá e se espalhou por vários países do mundo e acarretou em um avalanche de denúncias de violência doméstica, psicológica e sexual das mulheres que participaram desse processo. A nossa vontade de

falar sobre esse tema estava começando a acontecer em várias cidades do país. Coletivos feministas realizando escrachos públicos, atos políticos feministas em defesa do aborto, frentes feministas em atos políticos relacionados ao transporte ou a outras demandas. Nem todos os atos relacionados a pauta das mulheres estavam ligados de alguma maneira com a Marcha das Vadias, porém, atento para o fato de que a Marcha foi fundamental para trazer à tona esse movimento.

E foi exatamente esse cenário que despertou em mim a vontade de trabalhar com o fenômeno da violência sexual. Um cenário em que não se discutia absolutamente nada sobre mulheres, e que de repente foi tomado pelo feminismo. Ensinando e aprendendo com todas e todos novas maneiras de se organizar, de se respeitar e de enfrentar pautas tão legítimas quanto quaisquer outras. Foi debatendo com muitas mulheres que construíam ou não a Marcha das Vadias, foi recebendo denúncia de violência sexual por parte de pessoas próximas e companheiras de militância, foi realizando denúncias públicas que eu percebi que nenhum outro tema faria mais sentido de ser trabalhado por mim naquele momento.

Iniciei minha pesquisa de dissertação em 2014. Acessar as mulheres que passaram por violência sexual não era uma tarefa simples. Não é comum que as pessoas comentem sobre esse trauma. Sendo assim, era difícil localizar essas mulheres. A estratégia que eu construí foi me apresentar como pesquisadora do tema e deixar que essas mulheres me encontrassem. Gravei um vídeo, postei no *Youtube*<sup>1</sup>, compartilhei no *Facebook*, solicitei que algumas páginas publicassem e para a minha surpresa, as mulheres começaram a entrar em contato comigo porém, foram muitas.

A surpresa foi duplicada. Primeiro, a surpresa enquanto pesquisadora, de ter dado certo a estratégia, de ter conseguido dar exequibilidade para minha pesquisa e finalmente conversar com essas mulheres. De outro lado, eu me senti extremamente impotente, um pouco assustada e com um certo medo diante de tantos casos que apareceram. Eu não esperava que tantas mulheres entrariam em contato. Eu não esperava que de muitas delas, eu seria a primeira ouvinte sobre talvez a dor mais profunda. Não imaginava que colegas minhas ou mulheres da minha família tinham passado por essa situação.

O número de mulheres que demonstrou disposição para realizar uma entrevista foi grande. Eu consegui realizar entrevistas com onze mulheres. Entrevistei e fui entrevistada. Ouvei e fui ouvida. Perguntei e fui questionada. Em determinado momento da minha investigação eu já não poderia falar que eu tinha realizado aquele trabalho. Eu realizei em equipe, com vários processos no qual mudei a direção da investigação, reformulei conceitos, reinventei estratégias, revi perguntas. As mulheres que eu entrevistei eram, além de grupo pesquisado, as próprias pesquisadoras. Esse texto, escrito por duas mulheres que eu entrevistei, demonstra esse processo que não foi solitário, mas de construção e colaboração mútua:

*Ser mulher nesta sociedade tem a marca cotidiana da falta de*

---

1 <https://www.youtube.com/watch?v=JR0AW929hno>

*espaços nos quais possamos nos expressar de forma mais livre e transpor nossos próprios limites na exposição das nossas sombras. Os locais chamados seguros e acolhedores que são transversais em nosso cotidiano cumprem muito mais o papel de disciplinar, mantendo-nos coerentes aos padrões estabelecidos. Isso aumenta nossa insegurança, silenciando nossos corpos, quando pensamos em nos expor, conversar francamente com família ou amigos. A falta de espaços para que esse sofrimento privado venha à tona tem um objetivo. Esse mecanismo possibilita que a constante violência e dominação pelas quais as mulheres passam, continuem restritas às nossas realidades individuais. Pior que isso, o comportamento julgador direcionado às mulheres e o cerceamento das nossas potencialidades diante do subjugado são vistos como naturais, não saltam em frente aos olhos, não assustam ninguém. Aliás, sempre foi assim, é o que dizem. O que alarma as pessoas é a denúncia, é a manifestação da vítima. Tudo em nome da aparência. ‘ – Não denuncie porque todos vão saber, é vergonhoso, ninguém vai acreditar’. É recente o avanço ocorrido nas leis brasileiras e o reconhecimento da necessidade de garantir a responsabilização dos agressores. Mesmo com a construção dos canais de denúncia, a mulher não está pronta para compreender o processo pelo qual passou, o que resulta em uma pequena parcela de casos notificados. Esse raciocínio pode nos ajudar a compreender a pequena expressão dessa problemática em diversos âmbitos. As pessoas não estão falando sobre violência sexual e não querem assumir sua existência. O mesmo ocorre no contexto acadêmico. É necessário quebrar o silêncio da violência sexual colocando o debate nos espaços em que estamos inseridas, o que vai ao encontro dos objetivos pessoais da pesquisadora. Surge para nós como um alívio, pois tivemos alguém que nos ouviu e a nos compreendeu. É importante destacar que para muitas das participantes, esta pesquisa foi o primeiro canal de expressão. Uma proposta desafiadora, pois dá visibilidade para o tema dentro de um paradigma tão conservador como o saber científico. A experiência de construir a narrativa sobre a violência que sofremos, nos leva a ouvir-nos pela primeira vez, resgatando memórias em que insistíamos em fugir por serem uma parte dolorosa das nossas histórias. Ceder às entrevistas nos abriu feridas nunca expostas antes. Por outro lado, foi também uma experiência libertadora, entender que não há por que sentir culpa ou vergonha, algo que parece simples, mas que convivemos diariamente. O lugar dado pela pesquisadora a nós despertou um processo de empoderamento arrebatador, que não nos permite mais reviver a violência de forma apática e resignada. Agora, deparar-nos com outras situações de violência e com a nossa própria, pressupõe maturidade, furor e coragem. A violência já não nos enterra, mas nos desperta para assumirmos o protagonismo da nossa própria existência e estimular outras mulheres a reconhecer suas histórias e encará-las de frente. (MAKEDA e BOUDICCA, Relato sobre a*

*colaboração da pesquisa, 2016).*

A vontade de quebrar esse silêncio não tinha sido contemplada por todas as mulheres. Eu havia entrevistado apenas onze das mais de trinta mulheres que entraram em contato comigo. Eu sabia que não poderia silenciar essas mulheres mais uma vez, elas já estavam sendo silenciadas em todos os espaços de dominação masculina que, em muitas vezes, era a sua própria casa. Eu precisava encontrar um espaço para dar visibilidade a essas marcas tão dolorosas da violência sexual.

A partir dessa angústia eu tive uma ideia. Entrei em contato com cada uma das mulheres que demonstrou interesse em realizar entrevista e solicitei que elas fizessem para mim um relato. Não dei modelo, nem diretriz, esse foi o meu único pedido. Nem todas realizaram. Era um pedido bastante difícil de aceitar pois se elas não haviam contado para ninguém. Escrever talvez pudesse ser ainda mais difícil. Algumas delas escreveram, o total foi de treze relatos.

Os relatos, como se percebia desde o primeiro contato, me fizeram identificar um formato de carta, como se elas contassem para alguém o que aconteceu. Foi assim que nasceram as cartas. As cartas também não tem nenhuma interferência de conteúdo. Os nomes das mulheres que assinam as cartas foram substituídos por nomes retirados do Oráculo das Deusas, protegendo dessa maneira a identidade dessas mulheres. As fotografias que compõem algumas cartas, foram realizadas com algumas mulheres que participaram das entrevistas. Não existe como silenciar uma mulher que faz questão de ser ouvida.

### **Cartas aos leitores: 'O que irei contar é assustador para mim'**

#### **Carta de Amaterasu aos Leitores**

Meus pais se separaram eu tinha três anos e minha mãe voltou a namorar quando eu tinha cinco anos. Ela se preocupava muito com quem ia ocupar o lugar de um segundo pai na minha vida. Quando ela começou a namorar um rapaz eu o amava muito, até porque, meu pai era um pouco ausente. Eu, que era grudada com a minha mãe e não ficava com mais ninguém, comecei a ficar com ele e a querer ele na minha vida. Aos meus seis anos de idade, fomos morar com ele. Minha mãe sempre me colocava na cama e ele começou a fazer o mesmo. De repente, no meio de uma madrugada, ele voltou na minha cama. Acordei com ele sentado na beira da minha cama, se tocando e tirando a minha calcinha bem devagar para eu não acordar. Eu olhei com os olhos cerrados e fiquei paralisada. Ele não percebeu que eu vi. Eu me virei na cama para ele entender que eu poderia estar acordando e então ele saiu. Mesmo com seis anos e não entendendo o que é pedofilia, eu sabia que era errado e nojento, mas ficava confusa. Afinal, se ele me amava e tentava ser meu pai, cuidava de mim, será que eu não era má por pensar mal dele? Ficava nesse conflito. De manhã, acordei desconfiada, apenas observando como ele ia me tratar. Ele me deu um beijo de bom dia, aprontou a minha lancheira e me levou à escola. E eu fiquei pensativa e perturbada. Esse abuso noturno se repetiu mais algumas vezes esporádicas, bem espalhadas. Chegou a ter intervalos de até um ou dois

anos. E esse era o maior terror, pois eu nunca sabia quando iria vir. Eu comecei a pensar que era louca. Aos dez e aos catorze anos isso se repetiu e eu reagia sempre da mesma maneira: não conseguia nem respirar e ele nunca via que eu de fato tinha acordado. Mas a partir da minha puberdade/adolescência, eu comecei a ter mais idade para entender o que era aquilo. Fui nutrindo muita raiva e ao mesmo tempo, muita confusão, porque à noite ele era um monstro, mas durante o dia ele era um amor. Tive várias crises achando que eu era completamente louca. Eu não conseguia entender, era um paradoxo muito grande e isso me consumia, mas eu não tinha maturidade e por isso entrei no jogo dele. Durante o dia, convivíamos bem. À noite, eu tremia de pavor na cama. Dos meus catorze aos dezoito anos não tinha acontecido. Minha cabeça se desgastava nessas questões: 'quem é ele'? 'O bonzinho ou o malvado'? 'Eu eu'? 'Eu sou louca'? 'Eu criei tudo isso?'. Ele e eu nos afastamos consideravelmente, falávamos pouco e ele me perseguia muito. Era velado, minha mãe não notava, mas ele fazia milhões de 'coisinhas' para complicar a minha vida. Por exemplo, se eu tinha trabalho da escola para fazer, eu não podia falar isso em voz alta, senão ele desligava a internet só do meu computador. Enfim, quando eu tinha dezoito anos, exatamente no mês dos meus vestibulares, eu acordei com ele em cima de mim, ele me despindo devagar e se tocando, tateando o meu corpo. Eu fiquei paralisada de novo, sem ar, me senti com seis anos. Mas dessa vez com os olhos arregalados e ele viu. Ele perdeu o rumo e saiu correndo. Eu passei a noite chorando, fui para o cursinho e nunca mais voltei para casa. Conte para a minha mãe, ela ficou transtornada e foi falar com ele. Ele chorou, ficou desesperado, negou tudo e disse: 'ela deve ter algum problema muito sério para ter alucinado com isso. Temos que nos unir pra ajudá-la, você sabe que eu a amo como minha filha'. Filho da puta! Minha mãe entrou num processo de negação tão grande que ela fazia de tudo pra acreditar nele. Eu me mudei para São Paulo, afastei-me dela. Isso já faz três anos e meio. Ela ainda é casada com ele. Mas depois de muitas crises, hoje ela diz que acredita em mim. Mas ela está numa fase de muitos problemas financeiros e dependência dele e ainda não consegue sair da relação. E eu, depois que saí dessa casa completamente insana e fui recomeçar a vida em outra cidade, tive que enfrentar novos problemas. Por causa dele, eu perdi tudo, todos. Cheguei em São Paulo sem dinheiro, sem apoio, cheguei até a ficar na rua. Infelizmente, acabei sofrendo um estupro por um cara que eu saí, na época que eu ainda saía com homens. Isso foi um gatilho muito grande, tudo muito pesado de carregar. Comecei a ter depressão e síndrome do pânico e faço tratamento até hoje. É a primeira vez que eu posso dizer que estou realmente me reerguendo depois de toda essa violência física e psicológica.

#### **Carta de Bast aos Leitores**

No dia 14/01/2014, aproximadamente às 15h, no bairro Capão da Imbuia, Curitiba/PR, eu estava andando pelo meu bairro, indo até a Farmácia, que ficava a umas quatro ruas da minha casa. Vestia bermuda, camiseta masculina e chinelos. No caminho, enquanto andava na calçada, na rua surgiu um automóvel, modelo Saveiro branca, com uma escada na caçamba, reduzindo a

velocidade e o motorista começou a me chamar: 'moça, ô, moça!'. Como já estava com medo, continuei andando e acelerei o passo. Logo em seguida ele continuou: 'ô, moça, eu preciso de uma informação.' Quando escutei isso, resolvi ajudar, já que estava no meu bairro e conhecia as ruas ali por perto. Ao olhar para o rosto dele, ele não falou nada, apenas direcionou os olhos para baixo. Foi então que percebi que ele estava se masturbando. Na mesma hora, saí correndo, e o motorista arrancou com o carro. Fiquei desnorteada, com medo de ele me seguir, e não sabia se corria para casa ou para a farmácia. Quando cheguei a casa, não conseguia parar de chorar, de me sentir suja e culpada, pensando se era a forma que eu estava andando ou a roupa que estava vestindo. Só depois de conversar com a minha mãe que consegui perceber que não tinha nada de errado comigo, e sim com ele, e com a maioria da sociedade, que culpa a vítima, e não o agressor. Até hoje me sinto insegura andando na rua, independente do horário ou lugar, mas principalmente quando vejo uma Saveiro branca com uma escada na caçamba. Minha mãe é médica e trabalha com vítimas de violência sexual; ela repassou o meu relato para quem trabalha com isso no Hospital de Clínicas daqui de Curitiba, mas eu, pessoalmente, não fiz.

#### **Carta de Sedna aos Leitores**

Logo após eu fazer quinze anos, um vizinho da minha vó ficou interessado em mim. Eu não sentia nada por ele, mas minha vó e minha mãe até que gostaram da ideia de ele me namorar, porque o rapaz tinha um bom trabalho e era um sujeito de 'respeito'. Ele me pediu em namoro e eu aceitei porque assim minha família iria me deixar sair. Meu pai nunca concordou, porque achava o rapaz muito velho para mim. Fiquei sem beijar ele até o sétimo mês de namoro porque não sentia vontade. Contudo, eu percebi que a situação estava ficando chata para ele e comecei a ser mais carinhosa. Só que para ele não era o suficiente. Ele me respeitava, mas admitia não estar mais aguentando. Dizia que iria se casar comigo e que a gente ia ficar junto para sempre. Querendo ou não, bobinhas que (nós) algumas meninas somos, acabamos acreditando. Mesmo assim, ele sabia que eu não iria fazer sexo com ele. Sempre fui meio assanhada, mas era medrosa e tinha medo porque ia doer, porque queria casar virgem e queria fazer quando eu tivesse certeza. Eu sempre saía com ele acompanhada de mais alguém, mas com o tempo ele foi ganhando confiança da família. Até que um dia ele me chamou para ir ao shopping, eu aceitei, afinal era meu namorado e não teria nenhum mal em sair com ele. Chegamos ao shopping, mas ele disse que não íamos ficar por lá. Perguntei aonde iríamos, ele não me respondeu. Fomos para a saída de táxis e ele pediu que eu entrasse em um carro, eu não sabia aonde ele estava me levando, mas fiquei muda quando ele pediu ao motorista que nos levasse a um motel. Eu não sabia o que fazer, estava em pânico e me sentindo traída, pois não havia pedido isso, eu não estava preparada. Olhei para ele e percebi que qualquer coisa que eu fizesse poderia complicar a vida dele, eu gostava dele, não o amava, mas gostava muito e acreditava que amava. Diante disso, eu não disse nada, me senti culpada, mas não disse nada. Ele abriu a porta e esperou que eu entrasse. Eu estava muito chateada. Ele disse que não aconteceria nada e que só tinha



me levado para conhecer o lugar, que depois voltaríamos para a casa. Quando entramos, ele se deitou na cama e eu fiquei numa cadeira em frente à mesinha. Eu estava desesperada, com medo, mas não tinha muita coisa para fazer. Ele pediu para que eu ficasse ao lado dele; disse que não iria fazer nada. Então percebeu que eu não me mexia e me buscou delicadamente pela mão, mas não deitei, fiquei sentada na ponta da cama. Ele me pediu desculpas e disse que logo iríamos embora, que podíamos ficar apenas deitados sem fazer nada. Ele tirou seus sapatos, sua blusa e se deitou. Olhou para mim e esperou que eu me deitasse também. Depois pegou o cobertor e cobriu a barriga porque percebeu que eu estava incomodada. Deitei-me ao lado dele, mas na minha cabeça o que eu mais pedia era para sair dali. Ele me beijou e percebeu que eu estava tremendo; disse que não iria fazer nada que eu não quisesse, que me amava e que queria um futuro comigo. Então tentou colocar a mão embaixo de minha blusa, mas resisti. Ele começou a me beijar novamente tentando fazer com que eu ficasse envolvida e subiu em cima de mim, porém eu disse que não queria, que não estava preparada e tinha medo. Ele disse que eu teria medo sempre se não fizesse. Eu tentei sair da cama e comecei a empurrá-lo, mas ele colocou as pernas entre as minhas e travou minhas mãos com apenas uma mão enquanto tirava minha roupa com a outra. Eu o empurrei, dei tapas e disse que não queria, mas ele havia ficado surdo, tudo que ele dizia era 'só vai doer um pouco no começo'. Eu não conseguia parar de chorar, ele sufocou meus gritos com a parte do braço e dizia que a dor ia passar, e que se eu continuasse empurrando-o ia doer mais. Dizia também que não queria me machucar e que duas pessoas que se amam não precisam esperar até depois do casamento para fazer sexo. Só depois que ele gozou, ele parou. Eu não conseguia olhar para ele e tudo doía, não sabia o que fazer, na minha cabeça só se passavam as perguntas: 'E agora? O que vou fazer? A culpa foi toda minha'. Ele começou a me fazer carinho e dizer que não ia doer mais, que ele só tinha feito aquilo para eu sentir prazer e que a gente ia se casar. Eu não tinha a intenção de me casar tão cedo, mas depois daquilo eu não sabia mais o que fazer. Ele começou a me medicar com anticoncepcionais, passou a cuidar da minha saúde, e praticamente se tornou meu 'dono'. Não tive coragem de contar para ninguém o que tinha acontecido, continuei com ele mesmo depois do que ele fez, até porque eu não tinha noção do que ele tinha me privado. Fiquei com ele por um tempo, depois daquela vez fizemos mais duas ou três vezes, e todas, sem exceção, doeram muito. Com ele eu nunca soube o que era orgasmo. Quando a gente fez um ano de namoro ele ficou estranho comigo, ficou distante, até ao cinema ele foi sozinho sem nem avisar. Ele me levou para cama em um sábado e queria fazer sexo anal, eu não quis e ele foi rude comigo. Colocou-me para fora do quarto e ligou o som bem alto. Eu não conseguia entender o porquê ele estava agindo daquele jeito. Depois quando ele foi me levar para casa, na esquina, ele disse que não queria mais nada comigo, que odiava ter que sair comigo e com meus amigos ou familiares, que só suportava essas coisas por mim. Enfim, disse que estava terminando. Eu fiquei acabada e cheguei a casa em prantos. Minha mãe me perguntou o que tinha acontecido e depois de algum tempo, na mesma noite, indagou se eu tinha tido alguma relação com o rapaz; eu não consegui esconder. Meu pai ficou pirado e queria ir à casa do

rapaz para fazer ele voltar comigo, mas eu não deixei. No outro dia fui até a casa dele pedir para voltar e ele disse que não queria, eu me ajoelhei aos pés dele e ouvi: 'Pare! Eu não amo mais você, não dá!'. Depois daquilo eu não insisti mais. Duas semanas depois, minha avó pediu que eu fosse entregar uma vasilha para a mãe dele. Quando bati no portão, uma garota me atendeu usando só a blusa dele. Depois descobri que ele saiu espalhando para todo mundo que tinha comido o pão que o diabo amassou comigo. Além de ter dito para muita gente que já tinha me 'pegado'. Por causa disso, fiquei mais de três anos sem conseguir ter relações afetivas com homens, nem amizades masculinas. Amadureci, hoje consigo passar por esse cara e responder ao 'oi' dele, mas acho que nunca vou deixar de sentir nojo dele. Quando comecei a me perceber como mulher, passei a ver as minhas escolhas como algo divino que nunca deveriam ser negados. Conformei-me que não posso voltar ao passado, sobrevivi ao episódio triste e consegui superar a ponto de contar sem medo sobre o que aconteceu. A angústia eu nunca vou deixar de sentir, mas é a vida que segue. Hoje sei que sou mais forte por tudo que vivi e consigo enxergar a vida de um jeito mais real, sem deixar de ter uma vida bonita. O lado otimista.

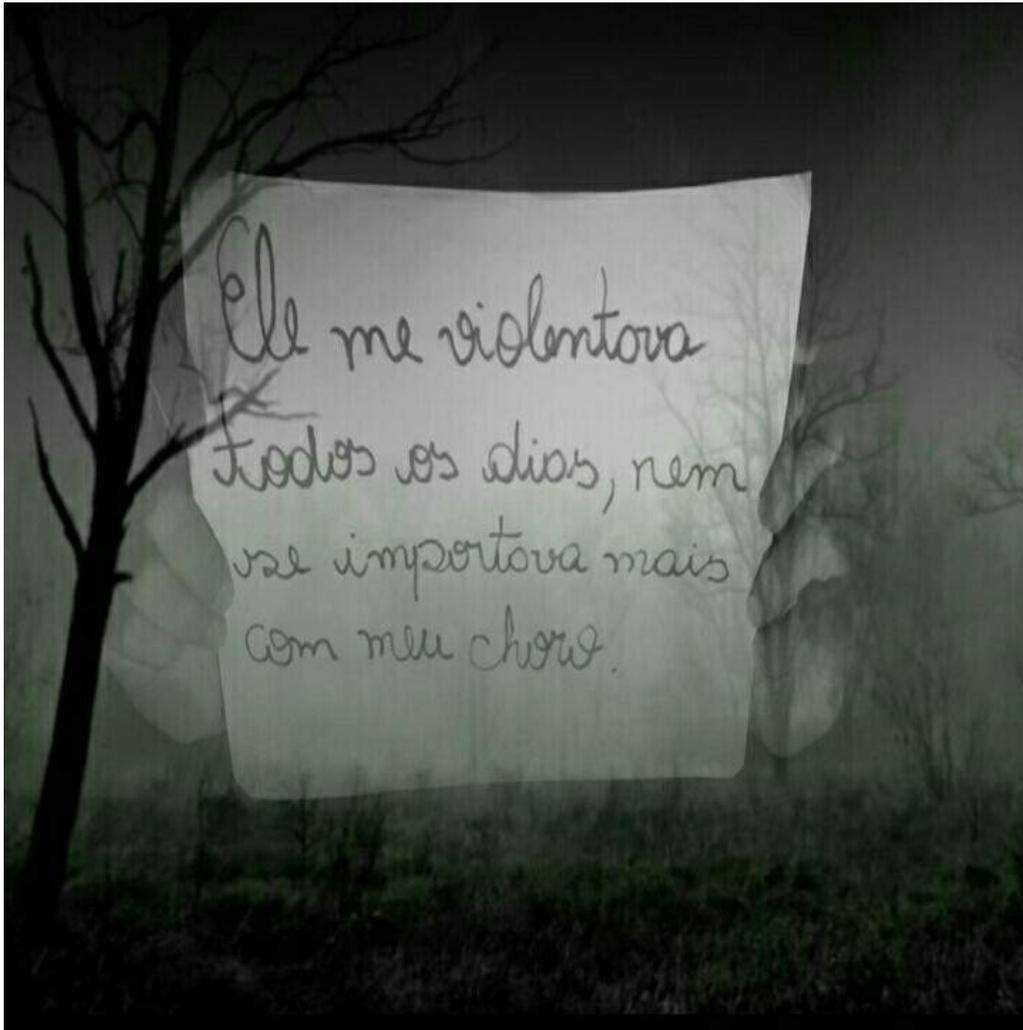
#### **Carta de Deméter aos Leitores**

Nasci em julho de 1995. Naturalmente de Alagoas, venho de família pobre. Morei parte da minha infância com meus pais em um sítio da nossa família no Sertão de Alagoas, morávamos em umas cinco famílias. Havia muitos primos mais velhos que eu. Naquela época eu estava com uns sete anos. O que irei contar é assustador para mim. Não sabia se eu deveria escrever sobre, mas resolvi que sim. Desde esse período eu sofri abusos sexuais por meus primos, mas pensei que era normal, tinha pouca idade. Ninguém nunca nos falou que era errado, lembro-me vagamente do que vivi naqueles anos da minha vida. A gente morava em um pequeno sítio. Nossas brincadeiras eram de esconde-esconde, subir em árvores. Meus primos eram mais velhos do que eu, talvez pouquíssimos anos de diferença. Lembro-me que sempre que um primo me encontrava em algum lugar no sítio, entre o mato, as pedras, longe da supervisão de um adulto eu tinha que abaixar a calça e ele me introduzia o seu pau. Os anos se passaram e isso ocorreu durante alguns anos, creio que eles estavam se descobrindo, mudanças no corpo. Eu não sei o porquê, mas eu sempre vi isso como algo natural, e agora vejo que nunca foi normal, minha família nunca soube desses acontecidos. Aos onze anos de idade meus pais já estavam separados há alguns anos e na ocasião eu vivia com meu pai. E fui adotada, fui viver no Rio de Janeiro com uma senhora, onde novamente sofri abuso de um primo, mas nunca ninguém soube e eu achava aquilo normal. Mudei para Minas Gerais aos doze anos, fui viver com outra família. Sempre fui uma menina que me sentia culpada, via que acontecia aquilo comigo porque eu permitia. Morei com essa família durante cinco anos. Com três anos vivendo com eles o marido da mulher, que o considerei como pai tentou abusar de mim sexualmente, mas eu resisti e tentei me defender como pude, corri. Contudo, não havia ninguém para me defender mais uma vez, eu estava com quinze anos. Ele não conseguiu concluir o ato, mas me ameaçou e deixou claro que se eu contasse para alguém, ninguém iria acreditar no que eu falasse; e que

caso eu falasse, iria viver num orfanato e nunca mais eu poderia ver minha família biológica. Eu deitei na cama e chorei. Chorei porque estava tão cansada de toda aquela violência psicológica em que vivia desde os onze anos: abusos físicos e psicológicos eram o fim, eu não aguentava mais. Desejava ter minha família, mas eu não imaginava voltar e viver a pobreza e abandono em que minha família vive até hoje. Eu não sabia o que fazer ou a quem recorrer, as pessoas nas quais eu confiava e imaginava tê-los como minha família eram as quais mais me reprimiram e me ocultaram de ser quem eu era. Eu entrei em depressão no ano de 2011 e foi o pior, diversas vezes eu tentei tirar a minha vida, mas foram tentativas frustradas. O máximo que consegui da última vez foi causar uma parada respiratória. Foram muitas idas e vindas até aqui, aos dezessete anos aproximadamente, eu consegui sair da casa dessa família. Conte para a mulher, a qual eu a tinha como mãe que estava tendo relação com meu então namorado na época. Ela ficou louca, claro. Quis me mandar de volta ao nordeste como se eu fosse mercadoria. Não voltei. Todas as violências psicológicas e físicas, sem dúvida, me afetam de maneira indireta até hoje. Nunca passei por tratamento psicológico. Mas aos poucos eu fui buscando entender o porquê eu tive que viver tudo aquilo. O grande problema que vejo, talvez não seja um problema, mas eu tenho grande dificuldade de enfrentar problemas em relações afetivas. É algo com o qual eu luto diariamente, mas é difícil entender que isso afeta, me afeta e afeta meus parceiros. Há um grande problema quando o assunto é comunicação: eu não consigo falar na 'cara', é impossível. É maior que eu! Hoje eu vivo um relacionamento que dura oito meses. Conte detalhadamente o que aconteceu a ele. Ele é um cara muito compreensivo e está me ajudando a lidar com fantasmas desses anos que passaram. Nunca pude me abrir com namorado, nunca tive essa confiança. Hoje lidamos os dois. A comunicação não foi algo que aprendi com a família, não me ensinaram a expressar minhas dores e opiniões. Oprimiram-me. Mas eu busco aos poucos uma mudança dentro de mim. Hoje eu sou feliz com a vida e comigo mesma, a vida é única e as dores precisam ficar adormecidas em algum lugar. A vida continua. É preciso enxergar um novo dia, coisas ruins acontecem, mas somos fortes! Viva, e não deixemos fantasmas horríveis nos destruir. A luta continua. Eu fui mais uma das tantas que há por aí.

#### **Carta de Iemanjá aos Leitores**

A última vez que sofri abuso sexual foi no dia 30 de dezembro de 2014, na minha casa. Até então ele era um amigo e um companheiro de militância, fazíamos parte da mesma organização política. Pela primeira vez denunciei, denunciei na instância partidária. Agora, neste sábado, haverá uma reunião, a primeira para debater o caso. Já faz três meses e eu ainda não consigo escrever nem o relato. Tenho medo de me calar mais uma vez e perder a oportunidade de denunciar meu agressor. Tenho medo de sofrer violência novamente e ouvir de companheirxs que o que aconteceu não foi violência, assim como já falaram antes.



Fotografia: Mayã Campos, 2015.

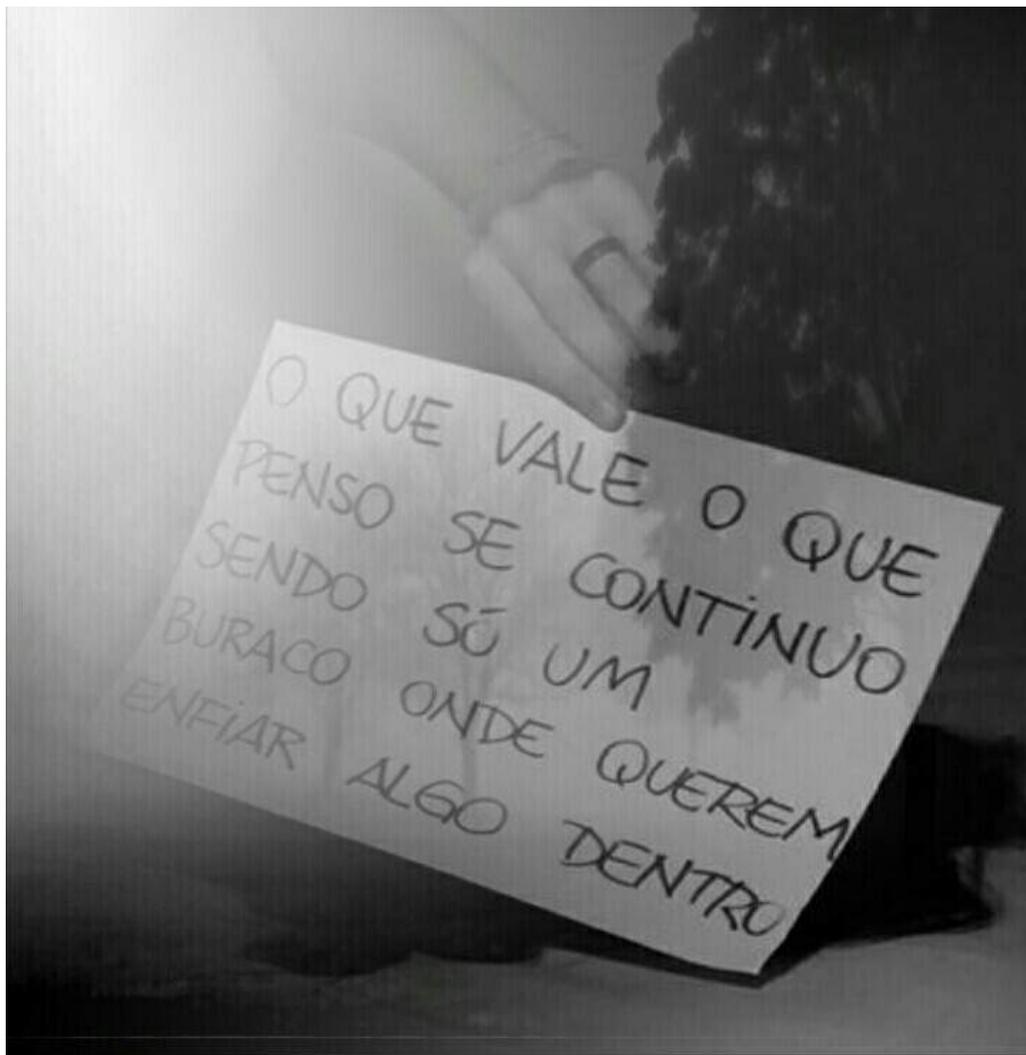
### Carta de Maat aos Leitores

Quando ela entrou em contato comigo sobre o projeto, eu me dispus a colaborar, porque eu imaginava que eu já tinha superado tudo isso, mas na hora de marcarmos as entrevistas, eu percebi que ainda não tinha cicatrizado essa sensação dentro de mim. Mesmo depois de dez anos passados, o pavor, o sentimento de culpa, o medo de julgamentos ainda permaneciam intactos. Fugi diversas vezes na esperança de amadurecer mais as ideias para, enfim, colocá-las para fora. Eu não imaginava que tal situação também tinha acontecido com várias pessoas próximas, pessoas que tenho um grande afeto. E hoje, se estou conseguindo colocar para fora, eu tenho uma pessoa a agradecer, uma pessoa que me mostrou, que compartilhando, a dorzinha no coração da gente pode diminuir. Eu quero que ela saiba que reconheço o quanto ela foi importante nessa decisão. Você sabe que admiro muito você, e muito obrigada por esse empurrãozinho! Eu tinha nove anos quando minha mãe, separada há muito tempo, arrumou um ‘companheiro’, esse que no momento chamarei de João. Ele, de início, era um cara engraçado, bem vindo na minha família, que fazia de tudo para tratar bem a todos, tinha duas filhas, e uma delas tinha sete anos.

Cresci morando com minha mãe, minha avó e minha irmã. Os primeiros contatos foram quando ele chegava na minha casa e ao cumprimentar todos, me abraçava e quando tinha oportunidade, passava aquela mão nojenta pelo meu corpo. E assim foram alguns meses, eu me sentia incomodada, envergonhada e não sabia como contar para a minha mãe sobre isso, e até hoje não sei. Até que um dia ele dormiu na minha casa, e ao invés de ir embora cedo, na hora que minha mãe saía para o trabalho como de costume, ele resolveu ficar. Ele a esperou sair, esperou minha irmã que dividia o quarto comigo ir para a escola e se enfiou no quarto, trancou a porta e deitou na minha cama. Ele era nojento. Começou a abusar de mim enquanto eu ainda estava dormindo, quando acordei e me assustei com a reação, ele sussurrou no meu ouvido: 'fica quieta e deixa'. Eu apavorada, não consegui ter nenhuma reação. Nesse dia não chegamos a ter nenhuma relação além da masturbação, e eu não entendia o que ele estava fazendo. Com o tempo, fui tentando me afastar, a falar para a minha mãe que não gostava dele, inventava qualquer desculpa quando me questionava o motivo. Como eu ia contar para a minha mãe que o homem que ela escolheu como parceiro estava fazendo isso com a filha dela? E assim se seguiram dois anos. Certo dia eu o ameacei, disse que se não parasse eu iria contar para a família inteira, o que tornou o pior dia da minha vida. Recebi como resposta: 'você não vai fazer isso, sabe que ninguém vai acreditar em você, porque você é uma criança mentirosa!'. E então nesse dia, ele resolveu que ia me dar um 'castigo por ser uma menina mal criada'. Ele me violentou, ele me fez acreditar que a culpa era minha, que eu deveria ficar com aquilo pra mim, fez coisas das quais ainda não consigo expressar, mas tenho imagens na minha mente. Lembro-me de estar deitada de costas para ele, o edredom rosa, os ursos de pelúcia na prateleira do quarto, e eu chorando, questionando-me o porquê, porque comigo, e nunca consegui contar isso a ninguém. Ele me fez pensar que todos os homens eram nojentos. Eu estava no início da minha adolescência, fase de várias experiências, que me privei, por medo, por nojo. Não saía mais de casa, não me vestia como menina para não chamar atenção, e assim foi durante alguns anos. Quando conheci uma pessoa que fez mudar minha forma de ver o mundo, me abriu os olhos para a vida. Obviamente que os traumas não foram superados de uma hora para outra, mas hoje em dia, só tenho pessoas que me fortalecem. Tenho um namorado que está me ajudando a enfrentar isso tudo e inclusive me incentivou a escrever para vocês. Minha mãe ainda não sabe. Eles não estão mais juntos e não sei se um dia ela saberá, gostaria de não presenciar isso, de não ser uma realidade tão cruel para nós. O tempo e as pessoas têm me ajudado, e espero que todas nós um dia, consigamos estar mais fortes, mais corajosas. Hoje, preciso me perdoar, aceitar que não foi minha culpa. Virei a página, e tentarei ser feliz. Deixarei o passado para trás, mas antes quero encará-lo bem fundo e não ter mais medo do que passou, pois ele não irá mais voltar, é preciso. Mas se eu pudesse mandar uma carta para ele, estaria escrito: 'não te perdoo, nem te perdoarei daqui a trinta anos, por ter que me reconstruir constantemente. Tenho pena por você ser uma pessoa tão covarde, desprezível, que ninguém que você ame passe por isso, porque sim, cada pessoa deseja o que tem de melhor, mas você, não merece e nunca vai merecer'. Um cheiro e um beijo para todas as meninas mais guerreiras que conheci, tudo de bom para nós!

### Carta de Hator aos Leitores

Hoje, como nos últimos dias, acordei, me arrumei e me despedi do meu companheiro e fui trabalhar. Não andei duzentos metros, vinha um homem na mesma calçada que eu. Eu não mudei meu caminho, afinal eu não podia adivinhar que ele me atacaria. Eu estava comendo uma bolacha e de cabeça baixa, quando de repente o cara me agarra e pega com sua mão nojenta em mim. No momento eu gritei, berrei e ele saiu andando tranquilamente. Fiquei sem saber o que fazer ao certo, tinha que ir trabalhar, mas comecei a chorar na rua e voltei para a casa. No percurso de uns metros duzentos ou menos, eu liguei para a polícia e relatei o fato dando todas as características dele. Ainda andei atrás dele, mas tive medo de que algo pudesse acontecer comigo. Minha única vontade era de bater forte nele, bater até ele não poder fazer mais nada comigo, mas não o fiz! Entristece-me muito esse fato, até quando seremos vítimas desse tipo de gente, até quando teremos medo de sermos atacadas. Até quando? Grite, denuncie. Alguém precisa nos ouvir, nos socorrer.



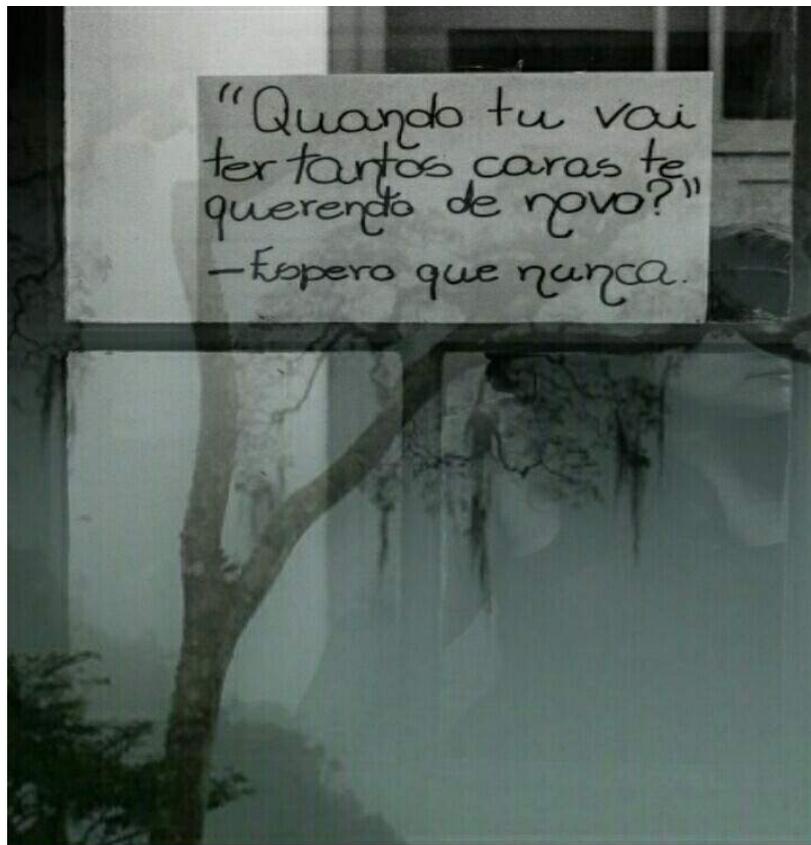
Fotografia: Mayã Campos, 2015.

### Carta de Lilith aos Leitores

Eu fui estuprada. Eu fui estuprada e queria encontrar uma maneira mais 'light' de dizer isso; mas não existe. Foi isso mesmo que aconteceu: eu fui estuprada. E eu sinto uma necessidade imensa e uma vergonha maior ainda de falar sobre isso. Aconteceu comigo e eu sou feminista. Aconteceu comigo e eu deveria ser imune. Aconteceu comigo e a minha amiga me culpou. Eu beijei esse cara; e beijei porque eu quis, beijei porque era direito meu. Depois eu quis beijar o amigo dele. E eu achei o amigo dele um tesão. E fui para a casa com ele, com o tesão. E ele morava com esses dois outros caras. E eu dei para o cara, dei porque gostava de dar, porque aprendi que sexualidade a gente exerce livremente. E – talvez isso te doa – gostei e gozei. Dei e fui fumar um baseado e tomar um trago que eu desconheço. Na sala. Com os dois caras que moravam com ele. E os caras começaram a me encher, e a me tocar, e a botar pilha para eu dar para eles. Era de madrugada, meu telefone estava sem bateria, eu não tinha como voltar para a casa. Eu sentei no chão pra brincar com o cachorro. Não lembro se era um beagle ou um basset, lembro que se chamava Jonathan. Tem essa parte que eu não lembro direito. Tem um quarto, uma cama e os três sem roupa. E eu deitada, bêbada, chapada e com sono. Daí só lembro de começar a chorar e espernear e pensar PUTA MERDA, EU SOU FEMINISTA; PORTANTO, NÃO FOI ESTUPRO. UMA FEMINISTA SABE O QUE FAZ. Dois saíram do quarto, um ficou me consolando. E 'desesperada' não faz jus ao estado em que eu estava. Eu devo ter dormido ou esquecido. Quando eu acordei de novo, ele estava em cima de mim, metendo em mim. Só lembro de sentir vontade de vomitar e de ficar (ainda mais) apavorada porque ele nem se deu ao trabalho de usar um inferno de uma camisinha. Chorei mais, me debati mais; coloquei minha calcinha verde arrebitada e me atirei no chão da cozinha deles. Fumei uns cinco ou seis cigarros. Chorei abraçada no cachorro. E a vida deles parecia transcorrer normalmente na sala. Eu deveria ter levantado, eu deveria ter ido embora. Mas eu não sabia como agir. Choque define bem a situação. Eu fiquei chocada com o tamanho da violência. Eu tentei minimizar a violência. Eu fui embora de manhã, sem celular, sem fone de ouvido e sentindo uma coisa meio morta dentro de mim. Eu esfreguei a minha pele até não dar mais no banho, rezei pra que fosse um sonho, senti mais vontade de vomitar. Resolvi esquecer e não contar para ninguém. Ninguém tem culpa dos problemas nem das minhas cagadas. Faço um esforço monstruoso para fingir que esse dia não me mudou. Mas é um pouco difícil mentir para mim. Mudou minha relação comigo, mudou minha relação com os homens; mudou a minha relação com a minha buceta. Minha buceta era meu poder. Agora, tenho medo de tocar na minha buceta e ofender alguém. Acho que os outros vão achá-la imunda. Que nunca mais um homem vai ser capaz de me amar. Essa merda mudou a minha relação com a minha cidade. Eu gostava daqui. Desde que aconteceu, eu já encontrei esses caras três vezes. Numa das vezes, um deles abraçou a minha irmã sem eu perceber. Naquele momento, eu quis muito que ele morresse, porque ninguém vai arruinar a cabeça da minha irmã. E a minha irmã eu procuro preservar a qualquer custo. Ela sabe que aconteceu uma coisa uma vez que foi uma merda. Mas só. E que assim fique. Depois de uma semana eu transei de novo. Foi o meu mecanismo de defesa.

## O Movimento Feminista e a Luta Contra a Violência Sexual: Quando a Militância e Produção Científica se Encontram

Voltar a dar para não ficar com medo ou criar trauma de sexo. Foi sexo vazio, para me proteger. Eu continuo transando, mas tudo mudou. Mudou porque esses caras deixaram a marca podre deles na minha vida. Mudou porque agora eu tenho medo de qualquer cara que se aproxime de mim. Mudou porque agora transar de algumas maneiras – eu sempre tão livre, aberta e feminista – se tornou inviável. Eu jurei que não falaria sobre, jurei para mim. Mas contei para minha melhor amiga. E ela chorou. E foi uma merda. Porque ela não tinha o que fazer e eu também não conseguia consolar. Contei para duas outras amigas. Uma culpou, outra disse para esquecer. Contei para o meu melhor amigo, que aí sim, precisei consolar, porque chorou demais. Contei para o homem que mais me amou, que ficou chocado e me obrigou a desviar do assunto. Queria que meu ex-namorado soubesse. Ele ia me xingar, certamente ia dizer que eu sou uma vagabunda. Mas, depois, me vingaria. Eu não contei para a minha ginecologista, mas fui pegar requisição de exame e nunca uma consulta foi tão difícil. Eu escrevi isso. Eu falei sobre isso. É por causa desse fato que eu choro quando alguém fala de estupro. É por causa disso que eu não consigo assistir uma cena de estupro num filme. Não denunciei os meus estupradores. Esse texto não é sobre eles; é sobre o estado em que eles me deixaram. Um deles saiu com uma amiga depois e disse para ela que eu não tinha 'curtido muito'. Queria perguntar para eles por quê, por que eu? Por que qualquer uma? Não posso mentir e dizer que desejo tudo de bom para esses caras. Desejo que eles se fodam, que tenham vidas de merda, que sintam nojo dos respectivos paus. Mas eu não quero que sintam pena de mim. Tampouco nojo. Eu só tinha a necessidade de falar e, bom, aqui está dito.



Fotografia: Mayã Campos, 2014.

### Carta de Ártemis aos Leitores

Eu tinha catorze anos quando conheci o rapaz, ele tinha vinte e três anos e era lindo. Não passou muito tempo, estávamos namorando, ele era incrível, muito atencioso, minha família amava ele, xs amigxs também, todo mundo amava ele, inclusive eu. Acho que ele também me amava (o que mais me deixa 'de cara'). Nosso relacionamento era ótimo, não me lembro de nenhum mau momento, me sentia bem ao lado dele, mas o tempo passou. Fazia um ano e pouco que estávamos juntos e tudo estava bem, era aniversário do irmão dele e teria uma festinha na casa deles para comemorar. Ele foi me buscar em casa, até uma torta eu tinha feito para levar, e fomos até a casa dele, mas ele não parou lá, seguiu adiante. Sem entender muito, perguntei onde estávamos indo, ele falou que tinha uma surpresa para mim, fiquei animada, ele fazia surpresas incríveis! Ele parou o carro, apagou as luzes e travou a porta dele que travava automaticamente a minha porta. Senti muito medo, pois quanto mais eu perguntava o que estava acontecendo, mais ele colocava um sorrisinho maldoso na cara. Ele me colocou no colo dele (outra coisa que me deixa muito 'de cara' é isso. Ele tinha 1,92, eu 1,65 e pesava pelo menos uns 50 quilos a menos que ele). Com uma facilidade absurda, puxou o meu vestido para cima com tanta fúria que chegou a rasgá-lo um pouco, minha calcinha ficou acabada, minha buceta machucada e minha cabeça arrasada. Eu bati tanto nele, eu gritei tanto, mas que diferença fez, a minha virgindade, minha vontade, minha integridade, tinham sido severamente retiradas de mim. Ele penetrava com tanta força que parecia estar me dando socos! Sangrei até a minha alma, aquele pau era o maior que eu já vi na vida, infelizmente. Muitas coisas ficaram dentro daquela Strada vermelha, mas principalmente, o meu 'eu' criança. Levei muito tempo para me reestabelecer, se é que me reestabeleci. O nojento ainda me levou na festa do irmão dele, a cada pessoa que me cumprimentava, era uma náusea, a cada mordida na maldita torta que eu levei, uma ânsia e a cada pergunta: 'O que aconteceu; Por que essa cara?' era um soco na boca do estômago. Eu queria gritar e contar para todo mundo que amava ele e o que ele tinha feito comigo e com o meu corpo, mas eu não fiz nada. 'Transamos' mais umas vezes, nunca foi bom, sempre foi horrível, mas eu estava convencida de que aquela era a minha função no relacionamento (idiota) e além do mais, quem ia me querer depois dele, sendo que eu nem era mais virgem? Imaturidade ao extremo, mas, mesmo assim, terminei com ele pouco tempo depois. Entretanto, ele me atormentou mais uns três meses e não o suficiente, ainda contou para a minha mãe o que tinha acontecido. Na versão dele, claro. Minha mãe era super tradicional, não me deixava terminar de vez com ele, chamava-o para vir na minha casa, convidava para almoçar, torturante mesmo! Mas ele acabou desistindo e eu 'des-existindo', me anulei por muito tempo por causa disso. Hoje eu tenho a idade que ele tinha quando fez isso, fecho os olhos e vejo aquela cena toda e não consigo entender, como que alguém tem interesse numa criança, sem tesão e sem papo? Meu irmãozinho tem a idade que eu tinha, ele ainda brinca de carrinho! Levei quase um ano para me relacionar com outra pessoa. Tive sorte, ele teve paciência e afeto suficiente para me mostrar o que era de verdade uma relação sexual. Hoje,

quase dez anos depois, eu tenho uma vida sexual ótima e um parceiro sensacional, que tem me ajudado muito nesse processo. Perdi quase todos os sinais que isso deixou na minha sexualidade, meu psicológico ainda se abala um pouco, mas logo não vai mais abalar, tenho certeza! Sorte para nós!

#### **Carta de Eostre aos Leitores**

Eu tinha nojo de mim, de tocar na minha vagina. Evito tocá-la até hoje não só por nojo, porque dói e não é somente a dor física, é toda dor que tive em todos esses anos. Posso dizer que o abuso sexual não se supera, ele te deixa marcas. Nunca havia falado para ninguém por mais de dez anos. Demorei todo esse tempo apenas para contar para alguém, guardei comigo e só fez me machucar mais ainda. Antes disso não conseguia confiar em ninguém, não sabia o que as pessoas podiam pensar de mim. Aconteceu dentro da minha casa e eu era uma criança. Demorei anos para entender o que havia acontecido comigo. Ele me tirou muita coisa, eu nunca tive relação sexual (consentida) com alguém e não estou disposta a ter, por causa da dor. Não vivi minha sexualidade porque me lembro de tudo, além de não conseguir confiar em nenhum homem e por mais que eu queira a dor é maior, é maior que a vontade de curtir alguém, maior que o meu desejo de ser mãe. Eu achava que a culpa era minha, me sentia (e me sinto) suja, eu não fiz nada, eu sequer dizia que não queria porque sentia medo, muito medo. Eu não sabia o que fazer, eu não contei para a minha mãe. Uma vez eu tentei, e ele ouviu, desconversou, entre a minha palavra e a dele, minha mãe nunca ia acreditar em mim. Ela deveria ter notado que eu estava diferente, ela não notou e eu ainda tenho essa sensação que se eu contar para ela, ela nunca vai acreditar. A consequência é ter que conviver com meu agressor, mas hoje eu não estou sozinha. Eu tenho vinte e dois anos, sou estudante e sofri abuso sexual dos oito aos meus dez anos de idade.

#### **Carta de Cerridwen aos Leitores**

Muito se escuta falar de violência contra a mulher nas redes sociais, no jornal, nas aulas, as histórias de tragédia parecem estar em todo lugar. Ainda assim, poucas são as mulheres que buscam se defender desse tipo de situação. Pior que isso, muitas delas ao menos denunciam o que sofrem, até mesmo, de seu companheiro ou pessoa de seu círculo social. Levando em conta de que as coisas nunca acontecem conosco nem com nossa família, mal podemos imaginar que alguém próximo de nós possa ter sofrido isso. Esse é o meu caso. Tenho dezoito anos e moro na cidade de Campinas, uma verdadeira metrópole onde muita coisa acontece e o trabalho é algo indispensável também para as mulheres. Após a separação de meus pais, aos onze anos fui parar em uma escola integral, devido à necessidade que minha mãe tinha de trabalhar para me sustentar e foi lá que meu caso aconteceu. Eu passava oito horas do meu dia junto com vários alunos expulsos de outras escolas da cidade, que eram enviados para esta unidade na tentativa de dar paz a seus pais, suponho. Eis que um belo dia durante a tarde, pedi à professora para ir ao banheiro, e fui no andar de baixo, pois o outro estava em limpeza. Quando entro no banheiro, literalmente levo um susto, porque antes mesmo de fechar a porta dois garotos

me seguraram e eu com minha pouca força não consegui impedi-los de entrar no banheiro junto comigo e me colocando contra o vaso, fecharam a porta. Enquanto um tentava tirar minha roupa e o outro me conter, por sorte consegui gritar e uma auxiliar da limpeza que passava ali perto entrou no banheiro para ver qual era o motivo da gritaria. Sempre penso que se não fosse por ela poderia ter sido mais uma vítima de estupro, mais uma estatística. O mais revoltante da história foi seu desfecho. Os dois garotos que tentaram me assediar eram da minha sala, isso mesmo, estavam oito horas por dia na mesma sala que eu e teria que olhar para eles pelo resto do ano. A moça da limpeza conteve a situação e nos mandou para a diretoria, em que a diretora deu uma bronca padrão nos garotos e ao conversar comigo disse que eu teria que me encarregar de contar ao meu pai e pedir para ele ir à escola para conversar com ela. Meu pai, no fim das contas nunca soube de nada, pois na época não tive estrutura psicológica para contar isso sozinha a ele, muito menos denunciar esse caso. Com o passar do tempo achei que poderia ser uma coisa que causasse um grande transtorno para ele, mesmo lembrando até hoje do rosto e do nome de um dos garotos. O que sempre me pergunto é: como a diretora da escola mesmo sabendo da gravidade desse caso e, vendo que meu pai não veio à procura dela, não me procurou novamente ou fez o contato com algum responsável por mim? Afinal uma criança não tem o psicológico para lidar com diversos problemas sozinha. Será que ela pensa que eu estava pedindo por isso? Essa tentativa de estupro somada ao divórcio de meus pais e minha mãe ter se tornado usuária de drogas fez com que eu odiasse a escola e minha vida. Isso me acarretou uma depressão e um quadro de bulimia, onde quase todos os dias pela manhã parava no hospital. Eu pedia ajuda, mas minha mãe naquela situação não me ouvia. Dois anos depois me mudei para outra cidade e minha mãe se envolveu com um traficante, que era muito violento e sempre que chegava a casa me deparava com vários objetos quebrados e ela um tanto marcada pela violência. Tempo depois descobri que ela não se separava dele, pois ele cuidava de mim pela manhã e dizia que se ela tentasse pedir ajuda ele iria me estuprar e me matar. Felizmente conseguimos sair dessa situação e eu não sofri nenhum tipo de violência da parte dele. Essas experiências fizeram com que eu criasse um medo absurdo de ser violentada, que muitas vezes me sabota e me leva ao pânico em qualquer situação que apresente alguma chance de ser perigosa. Eu poderia ser uma estatística, por sorte não me tornei. Isso mostra como a cultura do estupro é algo perigoso, nessas horas eu penso: Eu sei que meu pai reconhece que a sociedade é machista e que a violência existe, mas será que ele imagina que ela atingiu a mim.

#### **Carta de Obá aos Leitores**

Há tempos eu penso em como falar sobre isso, porque acho que nunca pensei em realmente falar sobre isso para alguém, da maneira que realmente aconteceu. Essa é a história de quando, contra a minha vontade, perdi a minha virgindade aos dezessete anos. É de conhecimento de poucas pessoas como isso aconteceu e com quem, porque eu realmente prefiro não falar sobre (por isso não falei a ninguém sobre esse relato). Bem, eu recém fiz dezenove anos (vê-se que é relativamente recente o que aconteceu) e sinto que, de uns meses

para cá, ao tomar conhecimento dos mais variados tipos de violência física e/ou psicológica contra mulheres eu percebi que o que eu sofri foi realmente uma violência! O que eu não havia entendido muito bem até então. Eu estava com amigos, numa tarde normal de fim de semana e depois de umas ligações, resolvemos ir a casa de um conhecido em comum, que tinha acabado de começar a morar sozinho. Chegamos lá e logo sentimos o cheiro de cigarro e maconha, entramos e começamos a tomar um vinho. Eu sou uma pessoa muito fraca para bebidas e logo fiquei tonta, era uma das primeiras vezes que eu consumia álcool. E dentro desse grupo de amigos havia um casal, do qual eu era muito próxima e eles mantinham uma relação aberta. Aconteceu que em determinado momento todo mundo decidiu que queria comprar mais bebida no mercado que ficava perto da casa onde estávamos. O casal falou para eu ficar porque eles queriam falar comigo alguma coisa. Como eu estava tonta eu simplesmente fiquei e nós fomos para uma parte de trás da casa. Aconteceu que eles começaram a se beijar e a garota, minha amiga na época, que agora não passa de conhecida me deixou sozinha, lá atrás com o namorado. Beleza, eu pensei, ele é um cara legal. Beijamo-nos e ele logo demonstrou, pegando em partes do meu corpo, que queria levar aquilo além. Foi nesse momento que eu percebi que eles haviam combinado aquilo e nem sequer pediram a minha opinião. Bem, eu estava muito desconfortável e ele deixou claro que sabia que eu era virgem e disse que iria adorar tirar a minha virgindade. Eu falei que eu não queria, não naquele dia, naquele lugar. Eu comecei a realmente me sentir mal porque eu era a única menina virgem daquele grupo e, olha só, eu fiquei com medo que achassem que eu era fraca por não ceder. Um raciocínio que hoje acho completamente sem cabimento, mas naquele momento pesou tanto. Todos ao meu redor, todos os dias falavam de assuntos relacionados a sexo que eu não participava. Era evidente que eu era a única virgem dali. E por algum motivo eles devem ter achado que deveriam me iniciar naquilo, sem sequer perguntarem se eu realmente queria ou estava preparada. Em vários momentos ele deixou claro que não deixaria eu sair dali sem que aquilo acontecesse. Hoje eu sei que eu poderia simplesmente ter saído de lá, porque ele estava sendo um completo imbecil, forçando algo que não era para acontecer. Mas no momento, tonta da bebida eu senti que não havia nada a fazer a não ser acabar com aquilo logo. É um clima de pressão que engloba os teus pensamentos que simplesmente parece que você é a pessoa errada por não querer fazer aquilo; que você está sendo rude, ainda mais quando você é uma garota que está conhecendo o mundo e que sentiu desde sempre o peso de uma sociedade patriarcal autoritária, onde os interesses sexuais do homem praticamente não são questionados, geralmente obedecidos. Foram mais de trinta minutos de ele insistindo e hoje me questiono todos os dias como alguém consegue sentir prazer em fazer sexo com alguém que claramente não quer. E por fim acabou acontecendo. Depois de um tempo, contando desde ele ter abaixado a minha calça até eu acabar com sangue nas minhas pernas. Nós voltamos para dentro da casa, onde todos já haviam voltado e eu queria ir embora. Eu me lembro de pensar 'eu perdi a minha virgindade'. E eu não sabia o que aquilo significava bem ainda. E todos foram embora juntos e o tempo todo ele se preocupava em olhar para mim e eu mal conseguia o encarar. Sempre tive problema com olhares e aqueles olhares pareciam os mais pesados de toda a minha vida. Isso

aconteceu em um domingo e no dia seguinte havia aula. Eu pensei em faltar, mas logo decidi que não queria parecer fraca diante deles e fui para a escola. A namorada que estudava na mesma sala que eu, perguntou como eu estava e disse que ele falou que se sentia mal com o que havia acontecido. Eu falei que estava tudo bem e decidi enterrar, desde então a minha frustração, meus conflitos internos e tudo aquilo que havia de escuro dentro de mim e decidi também que apenas eu teria acesso a tudo isso. Depois de alguns dias eu descobri que, pelo menos umas cinco pessoas souberam que eu havia perdido a minha virgindade naquele dia. Imagino que ele deve ter se sentido, acima de tudo, vitorioso. Eu não o denunciei e eu simplesmente segui com a minha vida. Hoje em dia eu praticamente não penso sobre esse dia, pois depois de muita pesquisa e leitura eu consegui me sentir segura e realmente ser plenamente feliz sexualmente. Eu penso em moças e mulheres que levam anos e anos para superar um trauma desse, que passaram por abusos muitas vezes muito piores e de pessoas mais próximas ainda. E eu não consigo ficar indiferente a isso, isso me dói. Mas pretendo continuar na luta, de mostrar às mulheres que elas têm o controle de seus corpos e que NINGUÉM pode impor suas vontades sobre as delas. Hoje estou com uma pessoa que tenho relacionamento há mais de um ano e que em nenhum momento me pressionou a fazer nada que eu não quisesse e que - olha só!- é alguém que sente prazer em ver prazer, em compartilhar, em dar e receber coisas boas. Vivo onde o 'nós' é importante e não apenas o 'eu'. Agora vivo com alguém que não pensa em satisfazer apenas a si mesmo como se estivesse tendo relação com uma boneca inflável. É essa pessoa e essa história que quero e vou guardar comigo.

#### **Carta de Rhiannon ao meu Estuprador**

Seis meses se passaram e hoje eu me sinto um pouco mais à vontade pra falar sobre você. Não posso dizer que já me sinto totalmente feliz, que não penso mais em você ou que isso já virou apenas uma lembrança. Seria uma mentira. Logo que aconteceu, eu achei que não seria feliz nunca mais e que a única saída pra acabar com toda dor que você me causou seria morrer. Mas, aos poucos, com as pessoas que me davam apoio incondicional eu fui conseguindo me levantar. Eu penso em você todos os dias, infelizmente não consigo tirar sua voz, seu cheiro e a sensação das suas mãos me tocando mesmo quando eu pedia descontroladamente pra você não fazer isso. Sua lembrança me assombra por onde quer que eu vá. Todas as vezes que eu ando sozinha pela rua e vou desviando de qualquer figura masculina que se aproxima, quando tá calor e eu prefiro não ir de shorts até a padaria, todos os dias ao passar pelo portão da universidade eu sinto meu corpo arrepiado atordoada pelas memórias do dia que sujou a minha vida. Eu nunca tinha te visto na minha vida, não sabia seu nome e nem como você era e mesmo assim você entrou na minha vida pra deixar tudo diferente. Estupro é uma palavra difícil de se pronunciar não? Talvez você nem tenha se dado conta que foi isso que aconteceu. Fiquei dias e noites pensando se isso tinha acontecido ou não, se eu estava realmente certa. Não consegui entender por qual razão tanta gente tinha ficado contra mim. As pessoas realmente acharam que eu usaria isso pra me promover? Eu não te conhecia, eu não tinha razão pra querer te fazer mal.

## O Movimento Feminista e a Luta Contra a Violência Sexual: Quando a Militância e Produção Científica se Encontram

Até agora não consigo entender porque eu fui chamada de louca, vagabunda, mentirosa, oportunista. Que fique claro que a única coisa que eu ganhei nessa história toda foi exposição e sofrimento. Depois de tantos julgamentos, coloquei na cabeça que a culpa foi minha. E vinha carregando essa culpa até ontem. Até ter mais uma das minhas noites de insônia totalmente invadidas por você (acontece muito sabia? É horrível). Tenho memórias que deixariam qualquer um devastado, memórias que você me fez ter. Me faço forte todos os dias pra levantar da cama, eu não podia me entregar e deixar você arruinar mais a minha vida. Ainda faço isso todos os dias, junto todas as motivações pra conseguir continuar. Tive muito medo de perder o controle ao tornar essa história pública. Mas não quero continuar calada. Vejo todos os tipos de argumentos entre seus amigos e pessoas da faculdade e muitos contra mim nessa história. Não consigo entender. Queria ter o meu direito de voz também.

Precisava me defender, fiz um relato anônimo sobre o ocorrido e ainda sim não me senti livre desses demônios o suficiente, talvez nunca me sinta. Ainda sinto uma tristeza enorme quando eu leio que 'a culpa é dela'. A culpa é dela. A CULPA É DELA. Queria um único motivo para a culpa ter sido minha. Eu estava em uma festa, bebendo como outras centenas de meninas, ninguém ali esperava nem merecia ser estuprada. Espero que eu tenha sido a única, que você nunca mais faça isso com uma mulher, não desejo esse sofrimento pra ninguém no mundo. Não posso deixar de te dizer que depois desse acontecimento, eu encontrei homens maravilhosos. Tive amigos (e amigas, claro) incríveis que me apoiaram de uma forma inacreditável. Só posso agradecer a eles por todo apoio. E em especial ao meu namorado, ele é incrível. Você nem merece saber sobre ele, não é digno disso, mas ele é tudo que eu poderia querer para conseguir me refazer como mulher. E não pense que você não é o culpado, você é. Denunciar é difícil mas não pensei duas vezes antes de fazer. Eu sabia que não estava cometendo um erro ou uma injustiça. Demorei a me pronunciar, não sei se hoje você já sabe o tamanho da gravidade do seu ato ou ainda se pergunta 'o que eu fiz?'. Acho que eu já deixei claro o suficiente, não? Eu escrevi essa carta, esperando que você um dia leia, não vou te perdoar. Nem hoje, nem daqui a 15 anos. Você destruiu minha vida, tirou o brilho dos meus olhos e minha vontade de viver, tenho que reconstruir isso diariamente. Quando sentir novamente o desejo de possuir uma mulher que não te quer, pense na sua mãe, na sua irmã ou em quando você tiver uma filha. Você violou meu corpo, minha mente e minha alma. Lamento muito que você seja essa pessoa desprezível. Eu espero que essa carta chegue até você, que você leia e consiga entender o sofrimento que me faz passar.

*Com todo desprezo do mundo..*

### Minha Contribuição ao Movimento Feminista e meus Agradecimentos pela Solidariedade

Assumir meu papel no campo científico sem deixar de lado minha corporalidade como uma mulher, pobre, feminista e militante de esquerda foi fundamental para que eu, de fato, conseguisse realizar um trabalho que nasceu de uma das pautas do movimento feminista. Aprendi com bell hooks (2013) que a ciência humana que pode mudar o mundo é aquela que se faz de nossa

## O Movimento Feminista e a Luta Contra a Violência Sexual: Quando a Militância e Produção Científica se Encontram

própria humanidade, de nossas lutas e sofrimentos.

Obrigada a todas as mulheres que se debruçaram a escrever esse material tão valioso, dolorido e de muito impacto social. Vocês são minhas rainhas! Obrigada a todas as mulheres que colaboraram de forma direta ou indireta com esse trabalho. Meu profundo reconhecimento pela força feminina que constrói o movimento feminista em Ponta Grossa. Este coletivo se mostra fundamental para processos de luta e também de cura de nossas dores. Isso nos faz fortes e resistentes.

É por todas nós que o Coletivo Sapataria, o grupo Sororidade PG, o coletivo Marie Curie, a Frente Feminista Malalas, e todas as mulheres feministas independentes estão lutando nessa cidade. Para que cada dia mais as nossas vozes sejam ouvidas e nossas pautas sejam conquistadas!

### Referências

bell hooks. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

CAMPOS, Mayã Polo de. **Mulheres vítimas de violência sexual e os significados de suas experiências corporais e espaciais: teu corpo é o espaço mais teu possível**. 2016. Dissertação (Mestrado em Gestão do Território) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa.